

Retirado do Livro IV das Saudades da Terra, vol. 2: 291-303, de Gaspar Frutuoso:

Do grande e furioso tremor ou terramoto da terra que houve na ilha de S. Miguel, em tempo de Rui Gonçalves da Câmara, quinto capitão dela e segundo do nome, com que se subverteu Vila Franca do Campo, a mais nobre e principal das vilas que nela havia.

(...) governava esta ilha de S. Miguel o muito ilustre Rui Gonçalves da Câmara, (...) na era de mil e quinhentos e vinte e dois anos e vinte e dois de Outubro da dita era, (...) estando o tempo sereníssimo, sem fazer bafo de vento que então era levante, estando o céu estrelado e claro, sem aparecer nuve alguma, se sentiu em toda a ilha um grandessíssimo e espantoso tremor de terra, que durou por espaço de um Credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro dela, fazendo-a dar grandes abalos, com rancos e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores da ilha, que se virava o centro dela para cima e que o céu caía. E acabando o espaço do Credo, ou de um Pater-Noster e Avé-Maria a todo mais, e ainda não foi tanto, tornou desta vez a tremer mais brandamente (...).

Do primeiro tremor antes que amanhecesse, arrebentou e quebrou grande quantidade de terra, correndo por muitos lugares, dos baixos para os altos, e de outras partes, dos altos para os baixos; principalmente sobre Vila Franca quebrou grande quantidade de fralda de um monte, do pé da serra, que está sobre ela, e alagando-a e cobrindo-a de terra, lodo e alguns penedos, da banda do norte, totalmente a subverteram.

Em uma só noite foram acabadas muitas vidas e ficou tudo coberto, que nem nobres casas, nem altos edifícios, nem sumptuosos templos, nem nobres e vulgares pessoas pela manhã apareceram, ficando tudo raso e chão, sem sinal nem mostra onde a vila estivesse, porque com o tremor caíram os mais dos edifícios primeiro e a casaria, que acolheu da mais gente debaixo, depois, sobrevivendo a terra correndo, arrasou tudo, como raio ligeiro que desbarata quando acha mais forte e duro.

Da ribeira para a parte do oriente, onde estava a vila, tudo foi assolado e os moradores quase todos mortos. Somente na mesma ribeira, para o poente, escaparam algumas casas, delas caídas, onde ficaram vivas até setenta pessoas, pouco mais ou menos, as quais todas começaram a dar grandes gritos, chamando uns por Deus, outros por Santa Maria (...).

Da banda do poente da ribeira, onde estava a cadeia, foi também correndo a terra, encostando-se a ela, mas não a derribando, escaparam os presos, os quais logo foram soltos pela gente que acudiu (...). Dali para o poente, onde havia poucas casas, escaparam todas e os moradores delas, que seriam setenta almas.

O Capitão Rui Gonçalves da Câmara, que era ido, dois ou três ou mais dias havia, para uma sua quinta do Cavouquo com sua mulher D. Filipa e seu filho Manuel da Câmara, lá escaparam; mas suas casas, ainda que estavam da mesma parte da ribeira, chegadas a ela, se perderam e nelas morreram duas filhas, D. Hierónima e D. Guiomar, e seu filho Morgado, e uma sua irmã, chamada D. Melícia, e um filho natural, com muita gente que ficou em casa.

Assim que correndo esta terra logo no princípio, assolou a vila toda em tão breve espaço que se não pôde ninguém salvar, e tomou grande posse do mar, entrando por ele. (...)

Muitos se acolhiam dos lugares onde a terra que corria não chegou para a igreja de S. Miguel, principal, cuidando ter nela refúgio, e os afogou o lodo e o polme, que já ali não corria com muita pressa e ligeireza, senão com algum vagar. (...) Está o monte donde arrebentou a terra, como sabão e pedra pomes tudo misturado, um quarto de légua da vila que cobriu; com o qual polme saíram grandes penedos pela concavidade da ribeira, por onde ia a maior quantidade e enchendo dele, um dos quais ficou abaixo do mosteiro de S. Francisco que então havia, de cujas oficinas não ficou figura alguma, nem rasto. (...)

Havia no porto então quatro ou cinco navios, abrigados ao ilhéu, para partirem para Portugal. O que foi a causa de morrer mais gente ali, onde se ajuntava de toda a ilha para fazer aquela viagem.

Depois de coberta a vila da terra corrida, e sendo já dia claro, se ajuntavam algumas pessoas que viviam pelos montes e nas quintas e os que ficaram vivos no arrebalde, espantados todos os grandes tremores e estrondos que ouviram, e vendo a vila no estado em que estava, pasmavam.

(...) o Capitão, com grande tristeza e maior pressa, acudiu logo a ver o que era e chegando à grotta do Barro, que está perto da vila, não pôde passar por esta estar arrasada de lodo; pelo que foi buscar outro passo mais arriba para a serra, por onde passou. Chegando à vila, não viu figura nem sinal dela, nem dos soberbos passos de grande casaria, nem filhos e filhas, irmã, criados, criadas, escravos, escravas e a grande família que ali poucos dias antes tinha debaixo. Tudo estava coberto de terra e campo raso que agora serve de lavoura e onde estão ricas hortas e muitos pomares.

Chegou neste tempo também à dita vila o contador Martim Vaz Bulhão e outra muita gente de toda a ilha, ajuntando-se com a que ali escapou, todos tão desolados e tristes, como tal perda e tal tempo requeria; e estando presente o pregador Frei Afonso de Toledo (que com as suas pregações foi grande alívio e consolação para as relíquias do povo que escaparam) lhe fez fazer a ermida de Nossa Senhora do Rosário, (...) servindo-lhe, dantes dela feita, de freguesia a ermida de Santa Catarina, que escapou sem cair.

Fez também o dito pregador fazer um voto a todos de irem a esta casa do Rosário com procissão, todas as quartas-feiras, e dizerem uma missa, que ao seu dia dizem, e de que há confraria, em memória daquela quarta-feira, triste dia, indo ali procissões de noite ou de madrugada (...).

Muitas pessoas se enterraram fora de suas casas, que iam fugindo, e depois achadas, as enterraram no adro, onde outras morreram por fugirem para a igreja. E muitos e mais foram os que desta maneira morreram, que os que ficaram debaixo das casas; nas quais se achou muito dinheiro daqueles defuntos (...). E porque cansavam muito os homens cavando, todo o fato e dinheiro que tiravam lhe davam de meias. Iam enterrar os corpos onde estivera a igreja principal.

(...) Como em Vila Franca estava o porto principal e a alfândega, iam deferir a ela e nela moravam muitos mercadores de fora da terra, onde tinham muito fazenda e diversas mercadorias, que ali iam comprar os moradores de toda a ilha.

(...) Como tenho dito, por haver muitos mortos debaixo da terra e muitos seus parentes, que ficaram vivos em outras partes da ilha, que pretendiam herdar suas fazendas, durou a cava daquela mina todo um ano. E, andando cavando, acudiam aos mais necessários, principalmente os cães uivavam, sentindo os homens que bradavam debaixo da terra e alguns mortos.

(...) Assim ficou populosa vila um campo raso, onde Troia estivera (...).

Transcrito do livro *Romanceiro Popular Açoriano*, da autoria de Armando Côrtes-Rodrigues:

*ROMANCE QUE SE FEZ D'ALGUMAS MAGUAS,
E PERDAS QUE CAUSOU
O TREMOR DE VILA FRANCA DO CAMPO EM 1522*

(Lição de Gaspar Frutuoso)

*Em Vila Franca do Campo
que de nobre precedia
na Ilha de São Miguel
a quantas vilas havia,
5 era de mil e quinhentos
e vinte e dois que corria,
vinte e dois dias de Outubro,
quarto de lua seria:
Era uma quarta-feira,
10 quarta-feira triste dia,
e em a noite mais serena*

*que o céu fazer podia,
inda que corre Levante
nada dele se sentia;
15 não corre bafo de vento,
nem folha d'árvore bolia,
estrelado estava o céu,
nuvem não o escurecia.
Ante manhã duas horas
20 inda não amanhecia,
começou a tremer a terra,
mais que outras vezes tremia,
e a dar fortes balanços
parecendo maresia:
25 não treme de baixo a cima,
mas para os lados tremia;
nem abre boca nenhuma
o espírito que isto fazia;
sacudiu somente a terra
30 dos lados em que feria.
Sacode a terra dos ombros,
com o peso que sentia
o grão gigante Almoural
que deitado ali jazia.
35 Movem-se todas as cousas
quando seu corpo movia;
estrondo que faz a terra
roncos são do que dormia;
que de ser velho cansado
ronca quando adormecia.
40 Correu a terra dum monte
que d' alta serra pendia,
e com ímpeto furioso
sobre a vila se estendia,*

*ali começou a dar gritos
a gente que se afligia,
deles chamaram por Deus,
deles por Santa Maria.*

50 *Quando chegou a manhã
nenhum deles parecia
que correu daquela terra
que sobre ali jazia,
essa gente que escapara*

55 *como pasmada morria;
outra que viva ficava
vivendo assim não vivia.*
*Aqui chega Frei Afonso,
e com a tocha que trazia*

60 *da Ordem de S. Domingos
de Toledo reluzia,
esse padre glorioso
que da glória parecia.*
Para consolar o povo

65 *Assi falava e dizia:
- Confessai-vos, irmãos meus,
enquanto vos dura o dia,
rezai todos o rosário
da Virgem Santa Maria;*

70 *edificai-lhe uma casa
indo a ela em romaria,
tomai-a por valedora
que ela por vós rogaria,
tende nela confiança*

75 *decerto vos valeria.*
*Não acaba de falar
quando a casa se fazia,
uns acarretam pedra*

outros madeira à porfia.
80 *Trabalham moços e velhos,*
peessoas de grão valia,
até as nobres mulheres
serviam sem fantasia.
Trazem telha dos telhados
85 *que no arrabalde havia,*
como formigas ligeiras,
andam a quem mais faria,
tanto que em poucos dias
a Ermida já servia,
90 *já celebram missa nela*
já lá vão em romaria.
O Capitão Rui Gonçalves
que da Câmara se dizia,
como soube em sua quinta
95 *desta terra que corria,*
manda selar seu cavalo
à espora fita corria,
por socorrer o seu povo
que estava nesta agonia.
100 *E chegando a Vila Franca*
do Campo, campo só via,
Campo em que estivera Troia
que soberba ser soía
de mui populosas casas
105 *nem uma só aparecia,*
seus paços postos por terra
terra que neles cobria,
com o seu filho e duas filhas
a que ele muito queria,
110 *também um filho bastardo*
que não tinha bastardia,

*e uma sua irmã
chamada D. Melícia.
Dissimula sua dor
115 ainda que muito a sentia;
seus olhos se arrasam d' água
por mais que ele se encobria,
com coração esforçado
de senhor de grão valia,
120 esforça todo o seu povo
que de pasmo falecia.
Manda logo cavar gente
onde antes estar soía
o Santíssimo Sacramento
125 cuidando que se acharia,
vendo quanto Deus nos ama
quão grande bem nos queria,
que querendo dar castigo
sobre si o tomaria,
130 em todos nossos trabalhos
companhia nos faria;
dos açoites que nos dava
também participaria,
sendo uma vez sepultado
135 outra se sepultaria;
por estranhar nossas culpas
a si mesmo enterraria
mas tão mal cheiravam elas
que Deus dali se desvia;
140 pois que cavando a grão pressa
ali já não aparecia.
A arca acham no Altar
mas sem ele estava vazia:
não sabem se foi ao céu,*

145 *se na terra ficaria*
nalgum sacrário metido,
para o qual se mudaria.
Alguns sinais viram disto
a gente que ali acudia,
150 *vendo daquele lugar*
uma nuvem que subia,
ouvindo muitos cantares
de suave melodia,
suspeitando ser dos anjos,
155 *alguma grão companhia*
que da terra para os céus
a Deus acompanharia;
ou por mãos angelicais
noutra Vila se poria:
160 *mas quando não foi achado,*
um grande grito se erguia,
daquela grande campanha,
que misericórdia pedia;
Vendo uma tal maravilha
165 *com gritos ninguém se ouvia*
daquele povo tão triste
que então não gritaria?
Batendo todos nos peitos
quem peitos nos quebraria?
170 *Em tempo de tanta angústia*
pois deles seu Deus fugia,
Para lhe pedir remédio
naquela triste agonia,
já não sentem perder nada
175 *só não ver Deus se sentia.*
Este castigo mais choram,
este só mais lhe doía,

vendo apartar-se Deus deles
quem não esmoreceria?

180 Depois cavam em outras partes
por ver se alguém vivia,
acham mortos pelas ruas,
que a terra afogado havia.
Outros acham em seus leitos
185 sem temor do que viria,
cuidando dormir de noite
mas também dormem de dia.
Sono de uma noite só
para sempre duraria.

190 Alguns vivos se acharam,
pouco número seria,
mas quem quer que os vira vivos
por mortos os julgaria:
Tinham todos cor de terra
195 que toda a Vila cobria:
Mas não cobre uma criança
que só três anos havia,
a qual achara folgando
sobre a tábua em que jazia,

200 nove dias são passados
depois de morta a alegria
quando com grão deligencia
a gente cavando ia.
Causa grande tremor
205 quem contar ousaria,
indo o povo em procissão
que com choro se fazia.
Ouvida foi uma voz,
doutro mundo parecia,

210 mui fraco vem o tom dela

porque do centro saía.

Muitos ouvem o som confuso

mas ninguém o entendia;

ali vem o capitão

215 *que a tudo sempre acudia:*

Manda cavar a grão pressa

aonde aquele tom se ouvia,

entendendo que era gente,

que soterrada gemia.

220 *Depois de muito cavar*

uma trave se descobria,

com a ponta para o chão

que encostada assim jazia;

fazem logo uma abertura

em um vão que ali havia,

225 *vão era que fora logea*

onde sobrado caía.

Saem por elas três vivos,

mortos cada uma parecia,

230 *com as mãos alevantandas*

como cada um saía;

Joelhos postos no chão

a seu Deus graça rendia,

pelo livrar de tal morte,

235 *que, vivendo, ali sofria;*

onde estavam mais confusos

não sabendo o que seria,

se era toda a gente morta

ou se o mundo se fundia:

240 *não sabem quando amanhece*

se um galo lho não dizia,

que cantava a horas certas,

que sempre cantar soía;

mantinham-se de biscoito
245 *que para viagem havia,*
que queriam navegar
por onde o sol saía;
onde tinham sua terra
mas a terra lho impedia
250 *que correndo aquela noite*
ali todos os prendia;
bebem água que do lodo
gota a gota lhe caía,
e também de uma fundagem
255 *que vinagre se fazia:*
Assaz de morte passava
que escuro ali vivia,
contavam isto chorando
com choro o povo os ouvia,
260 *tantas lágrimas choravam*
que a terra se humedecia,
já não choram seus parentes
mortos que a terra cobria;
muito mais choravam os vivos
265 *que mais morre o que vivia,*
não choram amigos mortos
nada disto lhe doía;
pois sabem que tarde ou cedo
qualquer dos vivos morreria,
270 *choram não saber da morte*
em que estado os tomaria;
e mais choram a si mesmos
pelo que ainda se temia,
choram os seus próprios pecados
275 *de que o castigo nascia;*
que quem planta culpas graves

graves castigos colhia.
Era tudo ali um grito
que ao céu empíreo subia:
280 *pedem misericórdia a Deus*
cada um assim dizia:
- Senhor Deus, misericórdia,
Que eu, meu Deus, não merecia.
Também tiraram um morto
285 *que entre eles jazia,*
que faleceu às escuras
entre a viva companhia,
a quem dava grão trabalhos
pelo muito que fedia,
290 *o qual depois d'enterrado*
como as outras se fazia:
Vão todos em procissão
a uma Ermida que havia,
da Virgem Santa Catarina
295 *que de paróquia servia;*
dão todos graças a Deus
como cada um podia,
pelos livrar da prisão
da terra que os cobria:
300 *Cinco mil foram os mortos*
que em toda a Ilha haveria,
por que afirmam os antigos
tantos morreram em tal dia:
outros contam nesta conta
305 *os que a peste feria,*
logo nos anos seguintes
em que entre os vivos ardia:
o que parece mais certo,
que então tantos não havia,

310 *alguns morreram nos lugares*
debaixo da casaria,
que com o tremor de terra
em todas as partes caía:
Morreram religiosos,
315 *morreu muita cleregia;*
morre muita gente nobre
em que toda a Ilha vivia,
qualquer rico e poderoso
sem as riquezas partia;
320 *que por ventura ficava*
a quem não lhe agradecia
cuidando gozá-la muito
no melhor se despedia;
não o logrou muitos anos
325 *nem jamais a lograria*
se fez algum bem com ela
isto só lhe valeria.
Morreram altos e baixos
sem lhe valer fidalguia,
330 *morreram grandes e pequenos,*
todos a morte ofendia:
Mas mais morrem em Vila Franca
onde mais povo havia
quasi todos ali morrem
335 *se não algum que fugia;*
mas são poucos os que fogem
porque cada um dormia,
poucos são os que escaparam
debaixo da terra fria:
340 *e alguns no arrabalde*
além da água que corria;
outros escapam nas quintas

porque Deus assim queria.

Cuidando ser acabado

345 *o mal que mais não seria,*
as nove horas são passadas
depois que já o sol saía,
e eis torna a tremer a terra
mais que dantes parecia

350 *corre na Ponta da Garça*
e na Maia o mesmo dia;
terra que matou a muitos
deste número e quantia,
contando moços pequenos

355 *de que contar não sabia;*
lembra-me das dores grandes,
das pequenas me esquecia,
onde houve máguas sem conto
quem contar as poderia!

